

3

SU MÁ RIO

O assunto deste livro	5
Primeiros dias	7
Uma nova experiência com os materiais	11

O ASSUNTO DESTE LIVRO

Vou contar uma experiência de ensinar arte para crianças de seis a doze anos em encontros semanais de duas horas. Tudo aconteceu numa escola Municipal que abriu suas portas para o Ateliê Nossa Casa durante o ano de

2014. Às vezes, acho que esta é uma continuação da experiência que vivi neste ateliê em 2013. Às vezes, acho que é outra.

Eu havia me formado em Artes Visuais e tinha sido aluna da Professora Dália Rosenthal que ensinava estudantes de arte a ensinarem a arte que conheciam para crianças curiosas na universidade. Ela estava curiosa para saber se o Ateliê Nossa Casa caberia naquela escola. Ela se perguntava: Como um projeto de Cultura e Extensão universitária pode se tornar um projeto de contraturno de Ensino Fundamental? Todos os envolvidos ficaram curiosos para saber como tudo isso seria possível.

Dália convidou a mim, porque sabia que se eu pudesse, continuaria atuando no Nossa Casa como fiz em 2013, convidou a Aline, porque como eu, ela também ainda estava curiosa. Depois nos indicou à direção da escola, que sempre acolhia projetos culturais para oferecer no contraturno.

O Ateliê Nossa Casa na Escola era uma extensão da aula para as crianças do período matutino. As crianças já estavam lá, brincando no pátio, quando chegávamos. Nos dirigíamos ao refeitório que estava no meio do caminho para a nossa sala e comíamos todos juntos. Ajeitávamos os materiais e os espaços rapidamente, e então começava a aula que durava duas horas. Após a aula ficávamos um tempo juntas entendendo o que havia acontecido e pensando como continuar nossa brincadeira na próxima semana.

Quem éramos nós?

Dália Rosenthal, docente no Departamento de Artes Visuais da Escola de Comunicação e Arte - ECA - da Universidade de São Paulo - USP - ministrava a disciplina Metodologia de Ensino de Artes Visuais - MEAV e artista visual. Ela era mediadora entre nós e a escola e nos atendia esporadicamente, trazendo contribuições teóricas.

Lívia Akemi Kishimoto estudante do curso de Bacharelado em Têxtil e Moda, aluna ouvinte da disciplina. Ela estava ali para se aproximar do ensino da arte porque queria usar seus conhecimentos de moda na educação.

Aline Oyakawa era licencianda em Artes Visuais, atuava no ensino de arte pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid, e também era estagiária numa escola privada.

Eu, *Vanessa Santos Maciel*, licenciada em Artes Visuais, tinha experiência profissional antes da graduação como professora polivalente, habilitada pelo curso de Magistério. Eu estava ali para recomeçar e refazer o meu caminho para a docência, desta vez pela arte. Agora estou aqui contando o que aconteceu de um jeito totalmente diferente de como as minhas companheiras contariam, pois viram tudo acontecer de um lugar diferente do meu.

Primeiro visitamos a escola várias vezes. Observávamos a rotina permanecendo nos lugares e escutando os sons da escola. O pátio, o refeitório, a sala dos professores, o quintal, o corredor da secretaria, o entra e sai do portão. Afixamos cartazes, redigimos convitinhos para serem colados nas agendas de recados aos pais e deixamos 25 formulários na secretaria e uma lista básica de materiais na direção. Assim que estes chegassem, começaríamos. Esperamos.

Depois, separamos uma parte dos materiais aos quais tivemos acesso e decidimos começar assim mesmo, pois era quase maio. Além de restos de tintas e colas e giz e lápis, a escola recebia doações de lixo reciclável.

Supomos que poderíamos aproveitar a experiência das assemblagens propostas no ateliê do departamento, no ano anterior, mas começamos com o desenho, pois era o nosso jeito de começar.

PRIMEIROS DIAS

Logo percebemos que o nosso primeiro grande desafio seria conseguir a audiência das crianças.

Elas se comportavam como as donas do espaço e nós éramos as pessoas de fora. Conheciam-se umas às outras e aos lugares da escola, especialmente onde estavam os materiais, pegando-os sem pedir permissão. Tinham total controle sobre aquilo que habitualmente controlávamos e mal precisavam da gente. Ficavam na escola por um tempo após o turno pedagógico brincando entre si sem intervenção de adultos. Quando chegávamos, finalmente podiam entrar na sala de artes onde continuavam ou adaptavam sua própria brincadeira. Somente algo muito curioso poderia atraí-las, mas estávamos desprevinidas.

Então começamos a pensar em como poderíamos aproveitar toda aquela energia lúdica.

Separamos os materiais recicláveis por sua forma ou natureza material e os distribuímos em quatro mesas separadas, para que as crianças se deslocassem por todo o espaço da sala em busca de combinações. Permitimos que pegassem os materiais adicionais que achassem necessário, com a condição de que os colocassem de volta no lugar após o uso, o que não ocorreu.

Não indicamos nenhum caminho, não sugerimos nenhum tema.

Algumas crianças simplesmente misturaram os materiais.



Aparentemente, sua única motivação era o material: combinar, modificar, experimentar.



Outras partiram de sua forma e imaginaram brinquedos.



Outras ainda, manipularam os materiais por alguns momentos, mas preferiram continuar sua brincadeira



Depois dos primeiros dias voltei para casa incomodada e pensativa. A liberdade das crianças não me deixava tranquila. Eu relutava intimamente em simplesmente deixá-las escolher, e desconfiava dos possíveis resultados de simplesmente deixá-las fazer. Eu queria ter algum controle, mais precisamente, que elas o tivessem, pois parecia-me que não eram elas que faziam, mas algo era feito delas.

Minhas companheiras também estavam incomodadas pela demora na chegada dos materiais e por outras questões relacionadas à organização da escola. Se dependesse delas, não teríamos começado as aulas antes de se resolverem esses problemas. Foram convencidas por mim e eu me sentia responsável por isso.

A escassez de materiais era para mim uma velha conhecida, pois eu já havia atuado na escola pública. A falta de organização se expressava principalmente pela dificuldade que tínhamos em encontrar alguém específico a quem reportar cada problema e de sermos incluídos nas comunicações de mudanças. A mim tudo isso era problemático, mas a permissividade da escola podia ser compensatória. Podíamos usar qualquer espaço e intervir nele; podíamos escolher o dia da semana e a duração; podíamos falar aos pais, pedir-lhes materiais e convidá-los a participar de atividades. Obtínhamos a permissão sem uma lista de recomendações, advertências e restrições, bem ao contrário do que eu esperava, por causa de minhas experiências escolares.

Eu interpretava a situação como uma oportunidade levemente desconfortável. E perguntava-me: Como aproveitaríamos o curto período para compreender a dinâmica institucional? Quanto às crianças, como conseguiríamos o controle que nos pertencia?

UMA NOVA EXPERIÊNCIA COM OS MATERIAIS

Tomei como elemento central a relação com as crianças, e comecei a pensar na relação delas com os materiais.

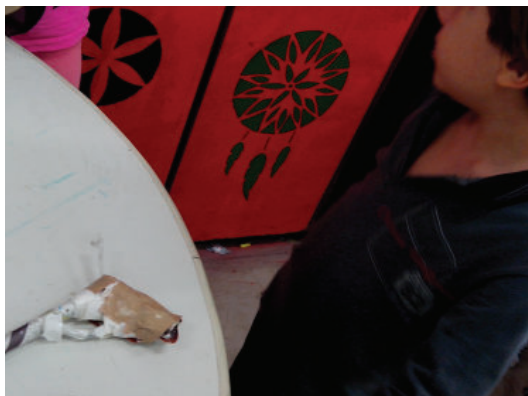
Sugeri à Lívia e à Aline que fizessem e levassem algum trabalho tendo o jornal como material. Proporíamos às crianças uma escultura de jornal, material abundante na sala.

Mostraríamos nossos trabalhos para atrair sua curiosidade para aquele material.

Mas em vez de disponibilizarmos o material para que elas mesmas o dosassem, distribuímos uma porção de materiais diversos, em um saquinho plástico de 15x20 cm.



Neste saquinho havia pequenas estruturas de jornal: retalhos quadrados e tiras; tubinhos curtos e compridos e bolinhas de vários tamanhos; minúsculos retalhos de tecidos diversos; minúsculos retalhos de papéis de diversas cores, espessuras e texturas; tesoura; uma porção individual de fita dupla-face; uma porção individual de linha (apenas em alguns saquinhos); um rolo de fita adesiva por mesa.



Os kits não eram iguais, o que as deixou muito curiosas.

Selecionar, dosar, combinar, unir, configurar, experimentar, foram algumas das atividades que realizaram com maior concentração do que nas aulas anteriores.



Quem acha que consegue fazer mais tubinhos se precisar? Quem entendeu como foram feitas as bolinhas? E se vocês tivessem que preparar um saquinho como esse?



Guardem o restante dos materiais no saquinho.





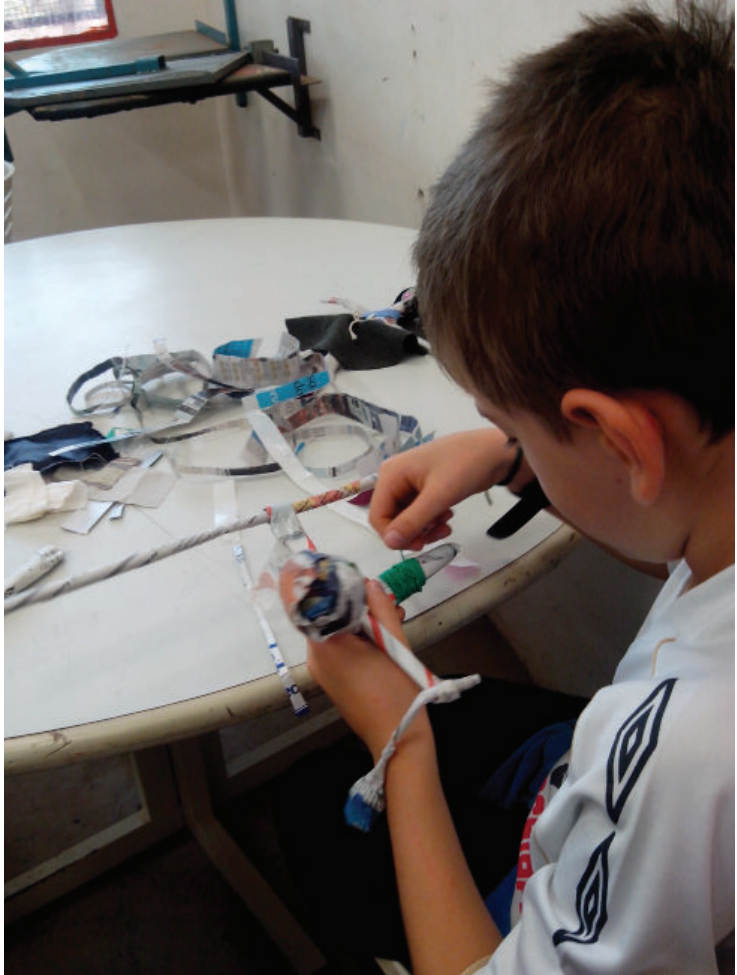
Vocês acham que o que sobrou serve para fazer outro trabalho?

Alguém gostaria de levar o saquinho para trabalhar em casa?



Durante essa sequência conseguíamos ajudá-las mais efetivamente, mesa a mesa, porque permaneciam mais tempo concentradas na lida com os materiais, na atividade em grupo, menos dominadas por estímulos externos.









Elas continuaram a produzir brinquedos e a aproveitar o tempo e o espaço para as suas brincadeiras.

Desta vez, porém os trabalhos produziram efeitos sobre as brincadeiras e as brincadeiras influenciavam os trabalhos, criando uma unidade







Finalmente nos entendemos!



Descobrimos que as crianças gostam de copiar e isso não as tornam menos autoras de suas invenções. Na verdade, elas precisam que as guiemos para inventarem sua própria disciplina.

Vieram as férias, nossa sequência foi concluída. Repetiríamos as ações de convidar e colher inscrições para um novo projeto no próximo semestre. Revisaríamos a lista de materiais solicitados à direção, repensaríamos nossas estratégias em relação à escola. Recomeçaríamos.

